

## Resenha ao livro “Identidade” de Zygmunt Bauman

Juliano MADALENA<sup>1</sup>

Se pudéssemos resumir o arcabouço de conceitos e desdobramentos doutrinários que a identidade possui em apenas uma palavra, esta seria *pertencer*. Assinalando que, dentre as várias conotações do conceito de identidade, aquela referente à nacionalidade representa a coesão que se sobrepõe ao agregado de indivíduos do Estado. A identidade que conhecemos foi conduzida a uma compreensão humana, pois seu surgimento se deu através de uma ficção, e não de uma experiência humana propriamente dita. Essas ideias, como refere Bauman, é fruto da crise do *pertencimento* e do esforço que se desencadeou para a recriação da realidade à semelhança da ideia. Esse esforço foi erguido pelo nascente Estado moderno na condição de dever obrigatório para todas as pessoas que se encontravam sob a égide de sua soberania territorial. O “pertencer-por-nascimento” de Bauman é a consequência lógica de pertencer a uma nação cuja convenção foi intensamente construída pela humanidade.

O *pertencimento* e a *identidade* não possuem a solidez perpétua, mas sim a finitude de um mecanismo que exerce um poder de transformação contínua. As identidades estão em constante trânsito, provenientes de diversas fontes, quais sejam aquelas disponibilizadas por terceiros ou acessíveis através de nossa própria escolha. Esse fenômeno humano se fortalece pela centralidade que o homem assume como indivíduo considerado portador de cultura, inteligente, biologicamente maduro e ligado a outros seres humanos na ação e no sentimento coletivo.

Neste cenário, coteja-se a internet como desdobramento virtual da realidade, que permite a fácil entrada e saída de sujeitos e que lá, também, assumem identidades ou reforçam a construção da existente. No terreno da internet um dos termos seguramente utilizados com grande fertilidade é a “facilidade”. A internet como campo da criatividade é palco para a facilidade de informação, resultados, construção e principalmente comunicação. As conexões são celebradas com enorme rapidez da mesma forma como são desfeitas. Por essas portas, Clifford Stoll argumenta que

---

<sup>1</sup> Mestrando em Direito pela UFRGS. Membro do Grupo de Pesquisa CNPQ Mercosul e Direito do Consumidor da UFRGS. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil.

“estamos perdendo a capacidade de estabelecer interações espontâneas com pessoais reais”<sup>2</sup>. E no interessante enunciado, Charles Handy reforça que “engraçadas podem ser essas comunidades virtuais, mas elas criam apenas uma ilusão de intimidade e um simulacro de comunidade”<sup>3</sup>. Bauman fortalece a crítica ao aduzir que as relações virtuais não podem ser um substituto para o “sentar-se a uma mesa”, ou “olhar o rosto das pessoas e ter uma conversa real”.

Essas nossas atitudes são, na visão de Bauman, fruto do líquido mundo moderno, pois construímos e sustentamos as referências comuns de nossas identidades em movimento. Um ponto do livro em análise a ser discorrido é a menção que o autor faz sobre a “confiança” das novas estruturas tecnológicas. Essas estruturas carecem de confiança, pois, do ponto de vista do autor, nós não precisamos delas. A identidade do modelo antigo, rígida e inegociável, não se ajusta às novas estruturas frágeis e transitórias. A busca por identidade vem justamente do desejo de segurança. E no mundo da alta velocidade cuja aceleração é fruto do anseio por mais, é impossível confiar na utilidade das ferramentas tecnológicas com base em sua durabilidade, pois são dotadas essencialmente de um caráter atemporal. Bauman não desconhece as divergências sobre o conceito de identidade, pelo contrário. Cada conceito é permeado por valores similares, indispensáveis para uma existência humana decente e madura: a liberdade de escolha e a segurança oferecida pelo pertencimento. Liberdade de autodefinição e autoafirmação que, para os comunitários, é uma totalidade maior do que a soma das partes. É a submissão dos interesses pessoais em benefício da solidariedade de que o seu grupo necessita. E em um mundo fluído, comprometer-se com uma única identidade para toda a vida é extremamente arriscado. Identidades são mostruários de nossa essência, não se deve armazená-las em uma caixa e jogá-las no sótão empoeirado.

As mudanças do mundo líquido sugeriram as transformações e os deslocamentos aparentemente aleatórios, ou, como o próprio autor refere, *fortuitos e totalmente imprevisíveis, daquilo que por falta de nome mais preciso, chamamos de forças da globalização*. Essas forças transformam nossa identidade, a ponto de tornarem irreconhecíveis as paisagens daqueles lugares que costumávamos assentar na intenção de alcançar a confiança, concreta e duradoura. A era do multiculturalismo reflete a experiência de vida da nova elite global, que garante acesso frenético ao mundo, através

---

<sup>2</sup> STOLL, Clifford. *Silicon Snake Oil: Second Thoughts on the Information Highway*. New York: Doubleday, 1995, p. 58.

<sup>3</sup> HANDY, Charles. *The Elephant and the Flea*. London: Hutchinson, 2001, p. 204.

de viagens, contatos e relações com outras pessoas que pertencem à mesma elite. O autor aduz que o multiculturalismo retrata o caráter culturalmente “onívoro” da elite global, que trata o mundo como uma gigantesca loja de departamentos com numerosas prateleiras preenchidas de grandes ofertas.

O autor conclui que o processo de adequação a uma identidade não pode separar ou dividir, na mesma medida em que identifica e une. São funções complementares da identidade, que por vezes se confundem com aquelas de segregar, isentar e excluir. Esse processo é facilitado pela tecnologia que, na visão do autor, resulta num ganho de desmotivação para investir em interações espontâneas com pessoas reais. As comunidades fantasmas emergentes dessa nova sociedade são palcos para novas identidades, que promovem um efeito de extraterritorialidade virtual. Esse fenômeno é a sincronização da atenção de um mundo conectado cujo foco de atenção altera rapidamente, quase que de forma a formar uma identidade compartilhada.

A “Identidade” de Zygmunt Bauman é um livro extraordinário, pois se trata de obra realizada a partir de uma entrevista fornecida ao jornalista Italiano Benedetto Vecchi. Por ter a característica de um diálogo, é possível perceber que as mensagens trocadas com seu interlocutor forneceram vários pensamentos do entrevistado em apenas uma obra. Nesse sentido, inobstante tratar-se de um livro cuja temática objetiva cuidar da identidade, verifica-se no texto diversos temas de fundo que embasam a plenitude da obra de Bauman. Por essa razão, a leitura da obra convida o leitor a conhecer as demais publicações do autor, que demonstram a coesão do pensamento atual de um grande pensador que pôde ver a “liquidação do mundo” para o que hoje temos como *moderno*.

**Como citar:** MADALENA, Juliano. Resenha a “Identidade”, de Zygmunt Bauman. **Civilistica.com**. Rio de Janeiro, a. 2, n. 4, out.-dez./2013. Disponível em: <<http://civilistica.com/resenha-a-identidade-de-zygmunt-bauman/>>. Data de acesso.